

The background features a light blue-grey color with several bright yellow abstract elements. These include thick, curved lines that sweep across the frame, and a series of straight lines radiating from the upper right corner, resembling sunbeams. There are also several overlapping yellow circles of varying sizes. The text is centered and overlaid on these graphic elements.

**16º salão
nacional
de artes
de Itajaí**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

16º Salão Nacional de Artes de Itajaí [livro eletrônico] /
[Fundação Cultural de Itajaí ; organização Sarah Uriarte...[et al.]].
Itajaí : Des, 2024. PDF

Outros organizadores: Nestor Varela, Mariana
Ferret, Lúcia Mendes, Mônica Hoff, Daniele Zacarão,
Romeu Silveira, Nilson Oliveira de Souza, Julia Souza.

ISBN 978-65-994760-4-4

1. Artes – Exposições – Catálogos 2. Salão Nacional de Artes
– Itajaí (SC) I. Fundação Cultural de Itajaí. II. Uriarte, Sarah.
III. Varela, Nestor. IV. Ferret, Mariana. V. Mendes, Lúcia. VI. Hoff,
Mônica. VII. Zacarão, Daniele. VIII. Silveira, Romeu. IX. Souza,
Nilson Oliveira de. X. Souza, Julia.

24-244490 CDD-730.98164

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes : Itajaí : Santa Catarina : Exposições : Catálogos 730.98164
Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

4—5

6—7

8—9

10—11

82—83

86—97

98—99

Apresentação

Política pública como
fruição estética

Com aquilo que mais
nos toca, aniquila ou
assola

Lista de Artistas/
Espaços Expositivos
Sala Especial
Programação

Ficha Técnica

O Salão Nacional de Artes de Itajaí, anteriormente chamado Salão de Artes Cidade de Itajaí, é um evento voltado às artes visuais criado na cidade de Itajaí no ano de 1992. Criado por artistas em parceria com a gestão pública, o Salão sempre tentou refletir os anseios da classe em um movimento contínuo de projetar artistas locais no cenário nacional ao mesmo tempo em que traz para a própria cidade nomes já consolidados no país.

Ao longo de seus mais de 30 anos de história, o Salão se firmou como um importante espaço de circulação, difusão e projeção de artistas visuais no estado e no país. Atualmente é o salão mais antigo, em Santa Catarina, que não teve sua realização interrompida. Das 16 edições realizadas, 15 foram coordenadas por mulheres artistas de Itajaí e de outras regiões. A 16ª edição do Salão é mais um pequeno texto escrito em uma história coletiva: esperamos que seja um texto que venha no rastro das edições anteriores, e que abra caminho para futuras conversas e propostas.

No ano de 2024 se realizou a 16ª edição do Salão Nacional de Artes de Itajaí. Em um olhar para as 15 edições anteriores e para o próprio circuito local, percebemos a necessidade de criar espaços de diálogo e formação entre diferentes gerações de artistas e seus interesses, bem como com a própria comunidade. Assim, esta edição teve como eixo central a formação, com ações que focam, respectivamente: público geral, comunidade artística e agentes da educação.

A programação contemplou: uma exposição com 15 trabalhos (com seleção via edital público), 1 oficina ministradas por artistas do estado de SC, 1 roda de conversa com agentes das artes visuais de renome nacional, 1 roda de conversa com agentes das artes visuais participantes das 15 edições anteriores do Salão, 1 fórum das artes visuais, 1 formação para docentes das redes pública e privada de Itajaí, e mediações educativas (com equipe formada via chamada aberta), que aconteceram no período de 15 de março a 13 de abril.

A exposição aconteceu em quatro espaços expositivos, a saber: Galeria Mauro Caelum e Galeria 02 na Casa da Cultura Dide Brandão, Sala Especial do Museu Histórico de Itajaí e Galeria de Arte da UNIVALI. Ainda, um dos trabalhos foi feito no chão da Praça Arno Bauer e outro consistiu em uma ação na Praça Elizabete Malburg. A Sala Especial do MHI foi utilizada como uma homenagem ao artista itajaiense Agê Pinheiro.

A realização do evento contou com cerca de 60 pessoas trabalhando diretamente, das quais mais de 40 são trabalhadoras e trabalhadores da cultura da cidade de Itajaí, incluindo vários artistas visuais da Setorial de Artes Visuais. Este número se divide entre funcionários e funcionárias da Fundação Cultural de Itajaí e seus equipamentos; do Museu Histórico de Itajaí; da Galeria de Arte e do Núcleo de Acessibilidade da UNIVALI; artistas participantes da exposição e da feira; comissão curatorial; equipe do educativo; equipe de comunicação; equipe de programação; e serviços gerais.

Política pública como fruição estética

por Equipe Fundação Cultural de Itajaí

Realizar o 16º Salão Nacional de Artes de Itajaí é dar continuidade e reconhecer o legado deixado por gerações anteriores de gestores públicos e artistas, que deram início ao evento e consolidaram a iniciativa, tendo a como alicerce para a valorização artística, o fomento e o intercâmbio cultural, colocando a cidade no mapa nacional das artes visuais.

Passadas três décadas desde o princípio do movimento, vemos contextos adversos e bastante distintos tanto no cenário catarinense quanto nacional, em que o SNAI ainda é um dos poucos neste formato a seguir acontecendo de forma continuada, no Estado e sob gestão pública. Tivemos uma edição integralmente on-line, em 2021, ainda acometidos pelo impacto da pandemia da covid-19. Ao retomarmos o diálogo sobre a 16ª edição com representantes do segmento, da Câmara Setorial de Artes Visuais, questionamos e dialogamos juntos sobre a viabilidade, o formato, temas e possibilidades.

A construção se deu de forma participativa. Uma comissão técnica foi formada com integrantes de Itajaí, de diferentes gerações, e profissionais convidados, de outras cidades, com experiência notória na área vieram para agregar no trabalho desde as primeiras discussões sobre o edital de seleção, período, critérios de avaliação e atividades de destaque desta edição. Inicialmente previsto para 2023, enfrentamos percalços com as chuvas intensas que assolaram nossa região no segundo semestre daquele ano e motivaram a decisão de postergarmos o 16º SNAI para março e abril de 2024.

Assim, tivemos meses de trabalhos dedicados ao evento, em que a nossa equipe de gestão somada à Comissão construiu, propôs, readequou, debateu, enxugou e desconstruiu questões, ideias e processos que culminaram neste evento plural, diverso, que reuniu autores de seis estados brasileiros, artistas e visitantes das mais diversas idades.

Sem tema específico, o SNAI cumpriu com seu principal propósito, de funcionar como uma política pública que incentiva a fruição estética, reconhece e dá visibilidade à diversidade da produção artística visual. Para além da exposição dos trabalhos, tivemos atividades que colocaram em pauta o contexto das artes visuais, da arte-educação e do próprio Salão, além de contribuírem para a formação de público, com olhar voltado para a infância e adolescência, e ações acessíveis para inclusão de todos. O evento homenageou o historiador e artista Agê Pinheiro, que teve papel fundamental na história do evento e na trajetória artística da cidade.

O 16º SNAI foi marcado por muitas trocas, trabalhos com temáticas e técnicas diversas, mediações culturais enriquecedoras para todos os envolvidos, rodas de conversa e vivências, que certamente ficarão na memória de todos que de alguma forma deixaram-se envolver e afetar com tudo e todos que o tornaram possível. Apreciem os registros deste catálogo e que venha o próximo!

Com aquilo que mais nos toca, aniquila ou assola

por Daniele Zacarão, Lúcia Mendes, Mariana Ferret, Mônica Hoff, Nestor Varela, Sarah Uriarte
Equipe curatorial

Em que consiste, atualmente, (realizar) um salão de artes visuais? Como um evento, cujo formato descende das academias francesas do século XVIII e que, no Brasil, ajudou a firmar um projeto de nação, se atualiza num país cuja dívida histórica com os seus povos originários é impagável? Que responsabilidades deve assumir, hoje, como agente de cultura? Para onde deve olhar como figura histórica? Que rotas precisa rever e que caminhos deve tomar para nos [re]colocar diante do mundo como se fosse pela primeira vez, uma das funções centrais da arte?

Nenhuma destas perguntas é de fácil resposta. Isso não nos isenta, no entanto, de tentar respondê-las. Um salão de arte é, antes de tudo, um exercício de diálogo com as práticas artísticas, modos de vida e processos políticos do seu tempo. Ou deveria ser. Diante disso, pensar o 16º Salão Nacional de Artes de Itajaí passa necessariamente por pensar a sua função para além do evento, isto é, como uma instituição de arte local de interlocução nacional que constrói histórias e inaugura práticas nos dois âmbitos e que, portanto, precisa se repensar constantemente para fazer dessa condição uma coreografia rica e diversa artisticamente, atenta aos debates contemporâneos da arte, às necessidades de seus agentes e às questões que nos movem como sociedade.

A diversidade de linguagens e problemáticas abordadas nas 15 propostas selecionadas presentes nesta exposição nos contam isso. Através de saberes e experiências de mundo diversos, materializados em fotografias históricas re-narradas; desenhos grandes que descem do céu e sobem da terra, e outros pequenos que caem como uma bigorna sobre o nosso passado; esquemas contrapedagógicos; esculturas que torcem nossos corpos ou que anunciam grandes saltos; bandeiras que desafiam o perigo; uma placa inaugural; performances, vídeos, e objetos

que operam ora como revisão histórica, ora a modo de imaginação política; nos ensinam que há muitas urgências no mundo em que vivemos, que aquilo que não vemos também existe, e que a arte pode nos ajudar a acessá-las de um modo que nenhum outro campo poderia.

Alguns vão dizer, com isso, que a arte é um luxo; outres, que se trata de uma necessidade básica. Qualquer tentativa de defini-la, com certeza, incorrerá em imprecisão, pois a arte é muitas coisas – pois diversos são os contextos, pois os territórios não são iguais, pois diferentes somos todes, pois nossas experiências são particulares, mas nossas histórias coletivas, e habitá-las é irrevogável. Como uma espécie de meta-disciplina, a arte só existe em relação. Trata-se de um campo de possibilidades, e também um direito – que nos permite desaprender normativas impostas histórica, cultural, política e socialmente, e a fazer poesia com aquilo que mais nos toca, aniquila ou assola.

Artistas/Espaços Expositivos

Casa da Cultura Dide Brandão

12—55

<i>Camila Alba</i>	40-43
<i>ciber_org</i>	14-17
<i>Gugie Cavalcanti</i>	26-29
<i>Jussara Marangoni</i>	44-47
<i>Gabriel Bicho</i>	52-55
<i>Kamilla Nunes</i>	68-69
<i>Marcus Deusdedit</i>	22-25
<i>Luiza Alcântara</i>	48-51
<i>Maria Vaz</i>	34-37
<i>Nita Monteiro</i>	18-21
<i>Thales Pomb</i>	30-33

Galeria de Arte da Univali

56—57

<i>Élcio Miazaki</i>	58-61
<i>Renan Soares</i>	62-65
<i>Kamilla Nunes</i>	66-67

Praça Arno Bauer

72—75

<i>Bruno Chivil</i>	72-75
---------------------------	-------

Praça das Lésbicas

76—79

<i>romy huber</i>	76-79
-------------------------	-------

Sala Especial > Museu Histórico de Itajaí

80—85

<i>Agê Pinheiro</i>	80-85
---------------------------	-------

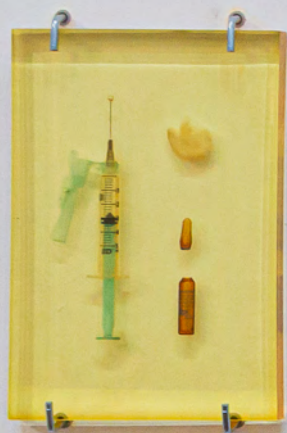


“self_made” é um tríptico formado por placas resinadas que contém diferentes métodos de auto edição utilizados por ciber_org durante seu processo de transição de gênero. A primeira placa contém a ampola de Deposteron 2mg, o algodão e a seringa utilizados em sua primeira aplicação de testosterona em 2019; a segunda placa contém a pele do seu seio esquerdo retirado cirurgicamente, em 2021, e posteriormente tatuada com a palavra que dá título ao trabalho; e a terceira, a Certidão em Inteiro Teor de Nascimento com seu nome retificado, em 2022. O título do trabalho faz alusão ao processo de “auto feitaura” pelo qual alguns corpos passam ao escolher diferentes procedimentos de edição para construir a própria imagem. Em self_made, a hormonização e a cirurgia são colocadas lado a lado com o documento retificado, horizontalizando a relação entre esses procedimentos de modificação corporal e documental que constroem uma nova identidade.

ciber_org nasceu em Nova Lima, Minas Gerais, em 1994. Estudou Artes Visuais na Escola de Belas-Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. A construção da identidade no século XXI mediada pelas mídias sociais e pelos processos de modificação corporal contemporâneos, é o que move seu processo investigativo nos últimos anos, considerando cada “@” como uma prótese identitária, uma faceta da identidade contemporânea. Sua trajetória é transdisciplinar e atravessa os campos do audiovisual, do teatro e da música. Suas obras se manifestam através da instalação, performance, videoarte, assemblagem, tatuagem e pintura. Além de artista visual, ciber_org é engenheiro de dados e programador, e se identifica como pessoa transmasculina não-binária.



self_made, 2022
Seringa, ampola Deposteron 2mg, algodão, pele humana, documento em resina, 17 x 25 x 2,5 cm (placa 1) / 21,5 x 29 x 1,5 cm (placa 2) / 28 x 35,7 x 2,5 cm (placa 3).



Nita Monteiro

“O Grande Salto” surge após uma fala de Rita Von Hunty, em que a professora utilizou a imagem de um aquário como metáfora para abordar a cultura dominante. Esta seria a água do aquário em que estamos imersos cotidianamente, e que mal é percebida por nós. Apenas quando algo remexe dentro desse aquário, levantando os resíduos do fundo, é que conseguimos perceber que estamos imersos na água, o que nos leva ao ditado que diz que “o peixe não sabe que a água existe”. A partir desta metáfora, a artista elabora a imagem que dá vida ao trabalho: a de um ser, meio bicho meio mulher, que salta para fora de uma espécie de aquário, vislumbrando a possibilidade de um outro mundo. Nita constrói a obra recortando, costurando e bordando tapeçarias antigas –um lenço que era da sua avó, seu vestido de noiva, cacos de azulejos, miçangas e peças de um lustre– colocando-se, portanto, dentro de sua obra.

Volta Redonda - RJ, 1990; vive e trabalha em São Paulo. Formada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo. Recebeu o Prêmio Aquisição no 49º SARP, passando a fazer parte da coleção do Museu de Arte de Ribeirão Preto. Em 2022, recebeu o prêmio honorífico no 18º Salão Ubatuba de Artes Visuais. Participa da Contextile - Bienal de Arte Têxtil Contemporânea, que acontece entre setembro e dezembro de 2024, na cidade de Guimarães, em Portugal. Participou de exposições em instituições e galerias como o Museu da Inconfidência, Museu de Arte Moderna da Bahia, Museu Victor Meirelles, Museu de Arte de Ribeirão Preto, Centro Cultural dos Correios, Centro Cultural Banco do Nordeste, Galeria Anita Schwartz, Carbono Galeria, entre outras. Em 2022, participou da Residência Artística do Instituto de Arte Contemporânea de Ouro Preto e, em 2024, da Casero Residência e da Residência Córtex Frontal, em Portugal.

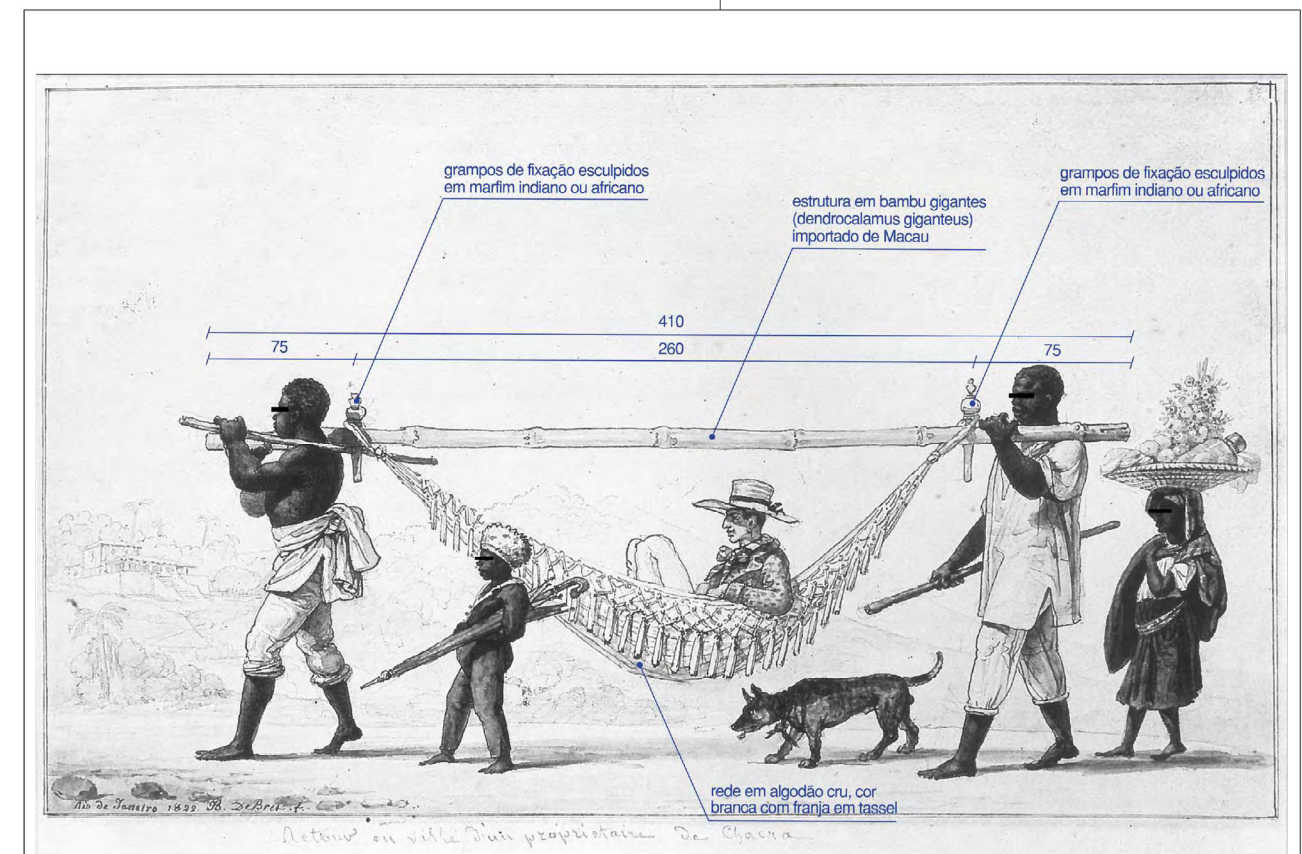
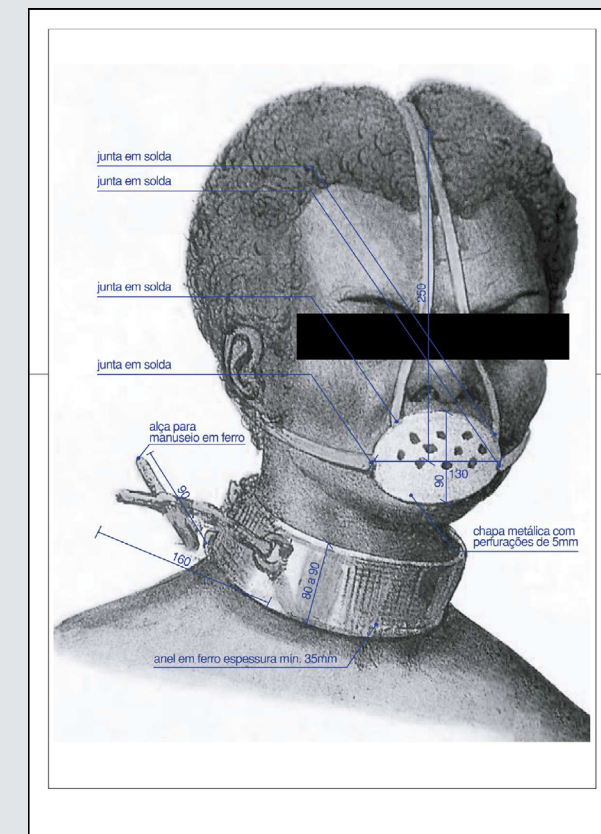


O Grande Salto, 2023
Técnica mista. Tapeçaria Gobelin e tapeçaria antiga, lenço da avó da artista, vestido de noiva da artista, bordados, fragmentos de azulejo, miçangas e partes de um lustre antigo, 134 x 39 cm.



“Projeto Executivo” se apresenta como uma série de imagens, em tamanhos variados, geradas a partir da intervenção em obras clássicas utilizadas para ilustrar o Brasil Colônia. A série consiste na intervenção, por meio da linguagem técnica de projetos, dessas imagens que registram violências a partir da relação de corpos negros e brancos em diferentes cenários, mediados por elementos de arquitetura e design que exercem funcionalidade dentro deste contexto de violação de liberdades. A série busca discutir e tensionar a suposta neutralidade de campos técnico-científicos, suas linguagens e produções, na construção das narrativas históricas.

Nascido em Belo Horizonte, 1997, é graduado pela Escola de Arquitetura da UFMG e mestrando pela FAUUSP. Atua como artista visual produzindo na intersecção entre arte, arquitetura e design. Em sua pesquisa, explora possíveis deslocamentos estéticos dos códigos desses campos, suas distorções e tensionamentos, a partir do atravessamento por questões socioeconômicas e raciais. Foi selecionado como artista residente na 8ª edição do Bolsa Pampulha e na FAAP, premiado pelo 4º Prêmio Décio Novello de Artes Visuais e participa de importantes exposições institucionais como o 38º Panorama das Artes Brasileiras e a mostra Dos Brasis - Arte e Pensamento Negro. Desenvolve trabalhos em diversas linguagens que vão desde a fotografia aos objetos tridimensionais e instalações multimídias, sempre conectados pelo gesto de edição e remix.





Gugie Cavalcanti

“Eu sempre fui fascinada pela travessia das palavras até o outro. Um dos meus maiores dilemas, é deixar as palavras saírem nuas. Eu me importo com isso e, de alguma forma, pinto as palavras como um gesto de carinho. Não que eu queira que elas sejam mais ou diferentes do que são. Mas porque acho que assim elas podem chegar com verdade. As cores são sinceras, e eu gostaria muito que as palavras tivessem essa mesma condição. Falar, ouvir, construir um diálogo responsivo: que troço difícil! Tem que ter muita coragem para atravessar uma corda bamba. Palavras corajosas, sabe-se lá como chegam do outro lado.” Em “Comunicação”, Gugie Cavalcanti constrói o espaço pictórico como um lugar de diálogo para palavras que, se não são ditas oralmente, se materializam na potência e força das cores e tonalidades assumidas.

Gugie é artista visual brasileira, grafiteira, mulher negra e mãe da Lia e da Cássia. Tem formação em bacharelado em Artes Visuais pelo Centro de Artes da UDESC. Atualmente vive no Rio de Janeiro retornando às raízes da sua família. Sua produção atravessa o mesmo caminho de sua vida, Arte e vida caminham juntas em sua pulsão criadora, compreende a criação como a própria possibilidade de existir. Gugie faz pinturas em tela, graffiti, murais e performances artísticas. As suas obras falam do amor entre as pessoas e como nos sensibilizamos para criar relações afetivas. Investiga sobre quais os caminhos de invenção e criação da arte que nos indicam as ferramentas para criar as nossas vidas. “Como nós afetamos ou nos afeiçoamos? Como ser considerado? Como considerar? Eu busco as respostas na rua, nosso espaço em comum, onde eu vivo e onde eu crio”, diz Gugie. Após “Gestos” (2020), “Mudanças” (2022), atualmente ela investiga o processo criativo dos afetos nas práticas sociais e culturais.



Comunicação, 2021
Acrílico sobre tela. 50 x 70 cm.



Thales Pomb

“Andanças” reconta memórias do movimento migratório iniciado com a Marcha para o Oeste, de Getúlio Vargas, revelando a força trabalhadora por trás da construção de Brasília, uma cidade que abriga sonhos e contradições. O trabalho se materializa como pintura a óleo sobre mapas regionais adquiridos em bancas de jornais e sebos, e a escolha do mapa como suporte não é feita por acaso. O artista questiona se o sucesso de um projeto moderno de integração nacional e de ocupação de vazios demográficos levaria em consideração os impactos sobre essas pessoas, sobre indivíduos que eram vistos como mão de obra, não como uma futura população. O apagamento/velamento dos mapas nas obras tem o intuito de desfazer as fronteiras e territórios que são e foram criados de acordo com os interesses de cada época. Fronteiras são políticas. Elas servem para demarcar e organizar, ao mesmo tempo que servem para excluir e afastar. Nessa pesquisa, a pintura se manifesta como registro, linguagem, política e história.

Thales Pomb (1989), artista visual de Brasília, vive e trabalha em São Paulo desde 2016. Iniciou sua carreira em 2012, participando de exposições e projetos em instituições de arte, galerias e espaços independentes. Sua pesquisa atual foca nas memórias e narrativas da interiorização do Brasil, retratando seus habitantes e suas facetas. Em 2020 e 2021, teve suas obras publicadas em capas da Revista Piauí, abordando temas como o incentivo ao armamento e o descaso governamental diante da pandemia. Realizou quatro exposições individuais, a última “terra/brasilíia” (2023), no Centro Cultural da Câmara dos Deputados. Também participou de exposições coletivas, como o 68º Salão de Belas Artes de Piracicaba, onde recebeu menção honrosa, e o 22º Encontro de Artes de Atibaia, conquistando o 1º lugar e o prêmio aquisitivo.



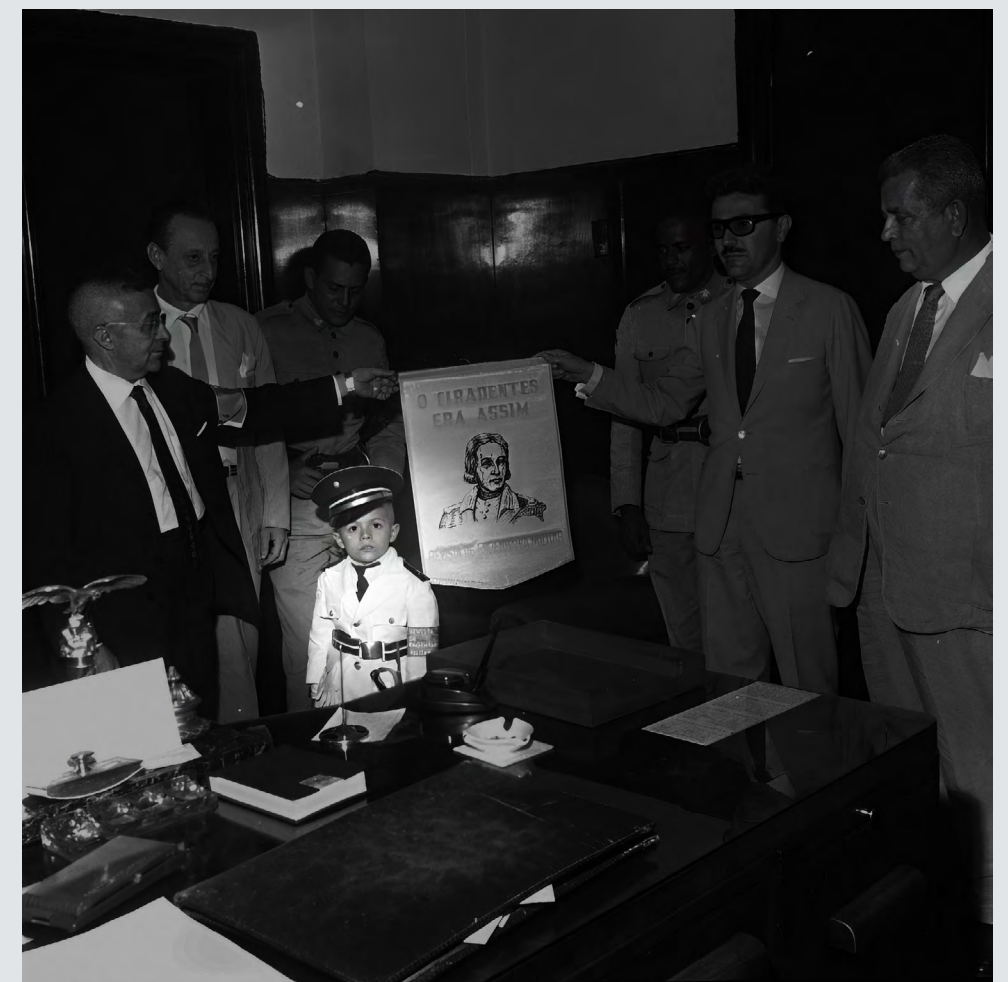
Andanças V, 2023
Óleo sobre mapa cartográfico, 90 x 41,5 cm (díptico).

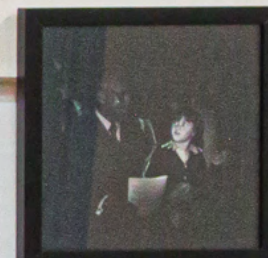
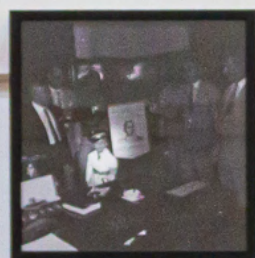


Photo 10

“Das tantas miradas às mais de 12 mil fotografias que guardo do arquivo público de Belo Horizonte, chama a atenção um tipo de imagem recorrente: a presença de crianças em acontecimentos políticos, seja na prefeitura ou em eventos externos, em inaugurações, celebrações, assinaturas de leis, entre outras solenidades. Presença esta que serve bem a uma “humanização” dos senhores governantes, à politicagem. Esse acervo –não diferente de outros tantos arquivos oficiais– constituído, catalogado e preservado em prol de uma cidade em constante “progresso”, coloca em evidência certos sujeitos e certos acontecimentos –quase não se vê registros de manifestações populares, e de quase nenhuma se tem registro sem a presença ilustre de algum governante. Ainda assim, em uma busca mais cuidadosa, nota-se uma presença que não faz pose, desatenta quando quer e às vezes atenta ao que ninguém parece notar, assumidamente –e comicamente– entediada ou curiosa, uma presença que não participa ativamente dessa mesma politicagem que as faz ilustres. Decido, então, destacá-las. Destacar essa presença sutil, mas cheia de agência. Destacar, também, a recorrência dessa presença, que é até hoje usada para a propaganda política. [Assim, nasceu ‘Ilustríssimos’.]”

Maria Vaz é artista visual e pesquisadora, doutoranda e mestra em artes visuais pela EBA/UFMG. Em seus trabalhos trata das relações entre memória, esquecimento, território e imaginário, através de fabulações críticas e poéticas, interseções entre imagem e palavra e o uso de arquivos públicos e privados. Foi indicada ao Prêmio PIPA 2023, contemplada pelo XVI Prêmio Funarte Marc Ferrez de fotografia, selecionada pelo 9º Prêmio Nacional de Fotografia Pierre Verger e o 10º Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia e participou de diversas exposições no Brasil e no exterior. Em 2023 foi premiada com a publicação do fotolivro “Ilustríssimos”, pela editora Porto de Cultura. Com o duo Paisagens Móveis, em parceria com Bárbara Lissa, – com foco em temáticas que envolvem meio ambiente e ecocrítica –, realizou a exposição “Quando o tempo dura uma tonelada”, parte do ciclo de mostras individuais do BDMG Cultural 2022, publicou os fotolivros “Três Momentos de um Rio”, pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte e “Óris” pela editora Selo Turvo. Também com o duo foi selecionada pelo 8º Prêmio Nacional de Fotografia Pierre Verger.







Uma placa de bronze com os dizeres “FRUIÇÃO PÚBLICA” é fixada sobre a superfície do espaço. Sua presença sutil, vestida de aviso oficial, basta para preenchê-lo por completo. No âmbito da legislação urbanística, o conceito de “fruição pública” faz referência ao incentivo dado ao agente imobiliário para a reserva de área de uso público no interior do lote urbano privado. Tal determinação infere, portanto, no entendimento jurídico do uso do espaço da cidade. Por outro lado, a “fruição estética” condiz ao ato de obter prazer a partir daquilo que se apresenta como arte. Assim, o ato de fruir da cidade pode ser entendido de modo ambíguo: ao exercer o direito de fruir do espaço que é público, entende-se até onde é permitido juridicamente adentrar a propriedade privada; e, como receptor, frui-se esteticamente da arquitetura e da cidade.

Camila Alba (Chapecó, 1995) é artista visual, fotógrafa, arquiteta e pesquisadora. Mestranda na FAU-USP, onde desenvolve pesquisa acerca das relações entre imagem, cidade e experiência. Vive e trabalha entre São Paulo e Florianópolis. Atenta às dimensões do sonho e do concreto, investiga em seus trabalhos a liminaridade entre o real e o idealizado no espaço, propondo rompimentos por meio da produção e apropriação de imagens e discursos textuais de distintos tempos e técnicas. Produziu, enquanto artista-pesquisadora, Paisagem Tendência, vídeo-montagem que investiga os discursos presentes na paisagem urbana das cidades do litoral norte catarinense. Publicou Fruição Pública (Editora Caseira, 2022), livro de artista que trata das relações entre arte, arquitetura, fruidor e cidade. Foi selecionada nos editais Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura (2021) e Aldir Blanc (2020 e 2021). Participou de exposições nacionais como 17o Salão Nacional de Arte Contemporânea de Guarulhos e internacionais como a 5a The Wrong Biennale (2022) e a Emerging Brazilian Photography (Japão, 2022).



Fruição Pública, 2023
Instalação. Placa de bronze fundida, 10 x 35 cm.



Jussara Marangoni

“Entre terra e céu” é um trabalho que parte do desenho para pensar a ideia da natureza. Com ele, a artista busca refletir sobre como o corpo humano é formado por conexões e interligações que funcionam de maneira científica e lógica, mas mágica também, da mesma maneira que outros corpos da natureza, como as árvores, as plantas, as flores, os animais, as estrelas e o cosmos. Jussara entende que ao estarmos todos interligados e interconectados, o movimento de um interfere e altera o movimento do outro. Os desenhos em enorme dimensão, feitos a carvão, retratam plantas, raízes e troncos de árvores que buscam criar um jogo de semelhanças com a estrutura óssea do corpo humano. Algumas representações ultrapassam e transcendem a dicotomia entre a figuração e a abstração e oferecem uma experiência estética um tanto mais desafiadora; pois se a observação da planta deu origem à obra, está comprometida com a complexidade do motivo, não a reproduz no sentido literal como o faria por dever de ofício um naturalista, cientista ou botânico. Então, é frequentemente uma parte daquilo que é observado que é oferecido, e essa parte, mesmo quando fala sobre o todo, funda uma espécie de “razão interna” à obra.

Jussara Marangoni de São Paulo, vive em Aracatuba. Graduada em Artes na FAAP e mestrado em design pela UNESP. Exposições recentes: Outras Paisagens no MAC Niterói | RJ (2024); 16o. Salão Nacional de Artes de Itajaí | SC (2024); Afeiçoar-se na Oficina Cultural Oswald de Andrade | SP (2023); Entre terra e céu na Galeria Gaia da Unicamp | SP (2023); Fazer e desfazer paisagens no Museu de Arte de Ribeirão Preto e Instituto Marco do Vale de Campinas | SP (2023); Para onde ela estava olhando quando tudo ficou escuro no Centro Cultural Correio, SP e RJ e Niterói (2022/2023); 19o. Programa de Exposições MARP no MARP | SP (2022); Ocupa MARP no Museu de Arte de Ribeirão Preto | SP (2022); Raiz, veia, afluente no Museu de Arte de Blumenau | SC



Entre terra e céu 01, 02, 03, 2019-2021
Carvão sobre papel. 500 x 94 cm cada.



Luiza Alcântara

Lentamente casas se desmancham até virar pó. Há nas casas de “Desmanche” uma memória de casa que nos é coletiva. Também, uma ideia de casa, de habitação e de lugar para si, que diante de nós, lentamente, se desfaz. Vemos um teto desabar, a parede desmoronar, as portas ruírem e, com isso, somos convocadas a lidar com um corpo-casa em seus acontecimentos diante do nosso corpo físico e a redimensionar a relação entre esses dois espaços: corpo e casa.

Luiza Alcântara é artista e pesquisadora cujo foco de investigação e produção artística reside nas interações entre desenho, matéria e espaço. Formada em Desenho e Cerâmica pela Escola Guignard - UEMG (2015), é mestre em Artes pela mesma instituição com o projeto *Insistência: caminhar na marca do próprio gesto* (2021). Atualmente, é doutoranda em Artes na EBA-UFMG, com bolsa FAPEMIG (desde 2022). Seus trabalhos abrangem diversas mídias, tendo o desenho como eixo central para o desenvolvimento do pensamento e da construção do conhecimento. Seu interesse recai sobre os gestos que estruturam modos de vida e de trabalho. Além disso, possui experiência na área da educação, com foco em desenho, comunicação, arte, linguagem e tecnologia.



Desmanche, 2019
Vídeos, 13'61", colorido, sem áudio.



Gabriel Bicho

Morte da floresta [...] morte do ser. Na fluidez da vida, navegar é se colocar numa condição de luta permanente pelo que entendemos ser parte, assim como a correnteza faz parte do rio. Lutar pela floresta em pé é imprimir guerra, é negar a neutralidade, é entender-se também como floresta. Os napê [homens brancos para o povo yanomami], para serem menos cinza deveriam pensar verde, desviar-se para o verde, sentir-se verde. Uma floresta viva nos torna vivos de nós mesmos. “que sua luta seja como a da floresta” busca provocar, de forma poética e reflexiva, este levante impostergável pela floresta.

artista e curador, gradua museologia na ufsc; vive e trabalha entre florianópolis-sc e porto velho-ro; seu trabalho integra coleções nacionais e internacionais, como museu reina sofia, museu de arte do rio, museu nacional de belas artes, museu de artes plásticas de anápolis e o acervo beverly mitchell; artista premiado no 40º arte para na categoria fomento e no farofa - festival de fotografia; participou da 1ª bienal das amazônias e da 57ª bienal de veneza, com o projeto research pavilion: the digital aesthetic in utopia of access; assinou curadorias de exposições individuais e coletivas, entre elas, foto única - festival photofluxo e ismp - imagem sensível de memórias possíveis; atualmente coordena o projeto muluca; seu trabalho pondera sobre futuros possíveis na amazônia legal,



que sua luta seja como a da floresta, 2023

Vídeo, 09'35", colorido com áudio, sobre lonita crua estampada, 140 x 300 cm.

Captação: Joilson Arruda / Assistente: Ahily Maiara Trilha Sonora: Matheus Pasquali "besouro"

LUTILE

LUTE COMO UMA CEDRO ROSA



“TONSORES” tem como objetivo verificar como dois homens, desconhecidos entre si, lidam um com o outro ao raspar a barba e passar a máquina de corte para igualar os comprimentos dos seus cabelos. Como é o acesso e cuidado com o outro sem possuir o fator ‘intimidade’? Esta e outras questões, como a padronização da imagem, a não liberdade de escolha ou a não diversidade, podem ser levantadas para pensar além da afetividade entre os dois homens. Tanto o ato da raspagem da barba, como o do corte de cabelo, foram baseados em registros fotográficos de soldados em ocasiões em que não possuíam espelhos para auxiliar na realização do cuidado pessoal. Com este trabalho, o artista dá corpo a uma linha investigativa que tem como base o universo e o imaginário militar, colocando atenção em certos aspectos, estigmas e modos de operar, tais como a rigidez, o culto à masculinidade e a resolução violenta dos conflitos. O trabalho problematiza o apagamento de tudo que nega tal visão masculinizada do mundo. Afinal, poderia o homem ser sensível e afetuoso, ou precisa ser inexoravelmente bélico?

Élcio Miazaki, artista nascido em 1974 na capital paulista, é formado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (FAUUSP). Sua produção utiliza objetos principalmente das décadas de 1960 a 1980 (dentre elas, coincidente com sua infância e adolescência), significando pesquisas quanto ao período ditatorial no Brasil. Aborda as Forças Armadas também nas questões que envolvem o arquétipo masculino em seus projetos de performances (TONSORES - 2022; C.Q.D. - 2018) e instalações (BOMBA 1968/ NASC.1986 - 2022; APAGAMENTO - substantivo masculino - 2022; Impulsos Imitativos - 2017/2019; Espaço reservado para possíveis retornos - 2016). Expôs em instituições públicas inclusive universitárias: ECEU - Espaço Cultural e de Extensão Universitária - (USP Ribeirão Preto - 2017/2023), DaP (Divisão de artes plásticas - UEL - Londrina/PR - 2019/2022), Museu Casa das Onze Janelas (Belém - PA - 2017), Galeria Canizares (UFBA - Salvador - BA - 2019), FAV UFG (Goiânia - GO - 2019), GAP (UFES - Vitória - ES - 2019), Fundação Clóvis Salgado (Belo Horizonte - MG - 2019), Memorial Municipal Getúlio Vargas (Rio de Janeiro - RJ - 2019), MARP (Ribeirão Preto - SP - 2013/ 2019/ 2022/ 2023), Centro de Cultura Ordovás (Caxias do Sul - RS - 2022), Casa da Cultura Dide Brandão (Itajaí - SC - 2019), entre outras. Vive e trabalha em São Paulo no desenvolvimento de projetos expositivos e curatoriais, além de discussões e orientações frente a outros artistas visuais.



TONSORES, 2022

Videoperformance, 28'03", colorido com áudio.

Concepção: Élcio Miazaki / Coordenação: João Galera / Atuação: Lucas Simões e Felipe Luciano



Renan Soares

A série “Quimeras” possibilita a ideia de redimensionar a sombra do sujeito de maneira que ela configure uma forma mais inusitada. Para pressionar os botões de cada estrutura o corpo é provocado, pela configuração das peças, a poses mais primitivas como um quadrúpede ou um animal. Em consequência, as sombras projetadas evocam a noção da criatura mitológica composta por partes de diferentes animais que dá nome à série, e nos provoca a um sentido onírico do que é quimérico. Já a palavra cenário, nos remete ao lugar da ação e nos faz pensar sobre qual o corpo que ocupa esse cenário, qual é, ou sobre o que se trata a cena projetada e ao que ela diz respeito? Por fim, o que proponho é um teatro de sombras ao avesso. Se normalmente teríamos a plateia, uma tela, uma figura manipulada por um sombrista e um mecanismo de projeção, nessa série de trabalhos, essas coisas aparecem embaralhadas. Não se sabe mais quem é o manipulador de sombras e quem é o público. Se a cena é o corpo no trabalho ou a sombra projetada. Se o público é quem vê o trabalho de fora, sendo acionado, ou quem aciona o trabalho de dentro. Os papéis estão trocados e não temos tão certo o que é a cena, e se ela é puramente representação.

Natural de São Paulo - SP- Brasil. Vive e trabalha em Pelotas/RS. Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas/RS. Bacharel em Artes Visuais pela UFPEL. Licenciado em História, Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas/SP. Atua como produtor cultural e coordena desde 2018 o Ateliê Compartilhado e Espaço Expositivo Corredor 14 em Pelotas, onde desenvolve exposições de arte, curso e residências artísticas, como o Programa de Exposições Corredor 14, Residência Zero e o Curso Gratuito de Formação em Artes Gráficas.



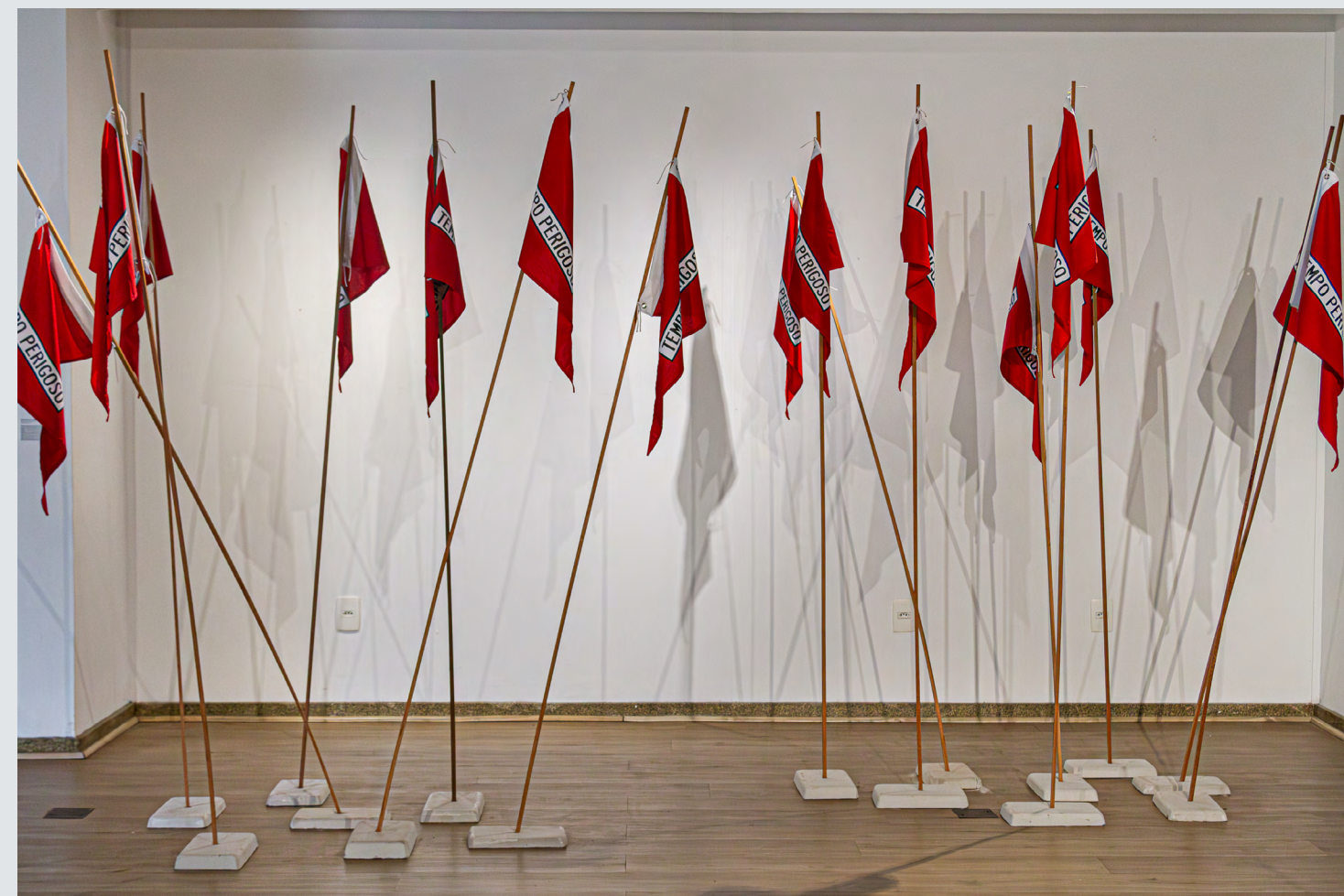
Cenário I, II e III, Série Quimeras, 2018-21
Esculturas, madeira, interruptores, fios, refletor e corpo, 75×130×75cm cada.



Kamilla Nunes

Todos os dias são colocadas bandeiras vermelhas com inscrição de “Local Perigoso” nas praias que possuem correntezas ou representam perigo iminente aos banhistas. As duas palavras servem apenas para reforçar o entendimento da cor ou do risco. O local, neste trabalho, dá lugar ao tempo, e subverte a própria noção de espaço, de perigo e de imersão (submersão). Sempre vivemos tempos perigosos, tempos mascarados, tempos de ódio, preconceito, ignorância, intolerância, tempos contaminados. Como nos alerta Debora Pazetto, “a arte não salva-vidas [não podemos ser messiânicas em tempos perigosos], mas ela sabe onde cravar bandeiras de alerta”.

Kamilla Nunes [Florianópolis, 1988] é artista, editora e curadora, doutora e mestre no Programa de Pós-Graduação do Ceart/Udesc. Em 2022 criou o Grupo IMPOSSIBILIDADE DE ESGOTAMENTO e, em 2024, o Grupo DESVIO, ambos focados em processos artísticos e curatoriais contemporâneos. Foi júri do Programa Residência Artística Delfina Foundation, Londres, ING, UK, 2022 e finalista da 5ª Edição do Prêmio CNI Sesi Senai Marcantonio Vilaça para as Artes Plásticas (categoria curador). Foi criadora do Espaço Embarcação em parceria com Mônica Hoff, em Florianópolis [2015-2018]; Curadora Geral do Espaço Cultural O Sítio, em Florianópolis, [2015]; Diretora do Instituto Meyer Filho [2010 a 2014]; Criadora e Editora da CAIS Editora desde 2020. Em sua pesquisa artística, busca friccionar campos do conhecimento, como a psicanálise e a literatura. Interessa perceber como os sistemas de linguagens se revelam, quais relações existem, hoje, entre o indivíduo e o coletivo, entre o pessoal e o político.



Tempo Perigoso (2ª edição), 2021
Tinta acrílica e serigrafia sobre tecido percal, concreto e madeira, dimensões variáveis.





“Sonho Coletivo” propõe uma reflexão sobre o cotidiano efêmero da cidade e a relação entre indivíduos e o espaço urbano. A obra insere-se em um contexto contemporâneo no qual a cidade é não somente um cenário, mas um organismo vivo formado por interações cotidianas; dialoga com o ambiente urbano transformando-o em uma tela efêmera, na qual as marcas deixadas pelo autor são submetidas a um inevitável entrelaçamento com o ambiente. A cidade, como palco das experiências humanas, deixa suas próprias marcas nos indivíduos, criando um ciclo de influências mútuas entre o ser humano e o entorno urbano. “Sonho Coletivo” convida o espectador a refletir sobre as marcas que deixamos na cidade e as marcas que a cidade deixa em nós. Sendo suscetível ao tempo e à influência externa, o trabalho abraça a fugacidade do presente e estimula uma análise da temporalidade urbana. Sua predisposição a se dissolver no cotidiano simboliza sua integração à cidade como um todo, transcendendo um local específico.

Nascido em Itapeva, no interior de SP. Reside atualmente em Itajaí - SC. Cursou Produção Audiovisual pela Univali. Direciona seu trabalho a perceber o cotidiano da cidade e suas expressões artísticas, memória individual e coletiva, a infância, a representação visual dos sonhos e do inconsciente. Se expressa através de desenho, pintura digital e tradicional, grafite, animação e vídeo.



Sonho Coletivo, 2023.
Tinta acrílica para uso externo, 4000 x 14000 cm.



Um arquivo vivo diz que a praça das lésbicas, atrás da Igreja Imaculada Conceição, em Itajaí, foi construída através de encontros no entorno de um monumento (agora desfeito) à uma mulher. Diverses desobedientes de gênero frequentavam a praça, mas a presença sapatão se destacava e a praça passou a ser chamada de praça das lésbicas. “tensão” propõe duas ações de manutenção da praça e de seu desmonumento através de anúncio, sinalização e realização de conversas no local, retomando o ato coletivo que, no início deste século, fundou a praça das lésbicas. Durante dois dias, me coloco na praça para conversar e promover encontros, retomando o ato coletivo que, no início deste século, fundou a praça das lésbicas. um dos dias de manutenção da praça é composto por conversas descentralizadas e dispersas entre artista, público, transeuntes, quaisquer pessoas presentes na praça. o outro, propõe uma roda de conversa, uma concentração, uma ocupação específica por pessoas que construíram, constroem, intencionam construir a praça das lésbicas.

artista visual e realizadora audiovisual formada no curso de tecnologia em produção audiovisual (univali, 2018-2021). pesquisa relações entre cinema, artes visuais e escrita a partir de procedimentos de documentação, anotação, arquivo e edição com desdobramentos em vídeo, gif, texto e performance. desempenho funções de direção, produção, direção de fotografia, montagem e edição em produções audiovisuais ficcionais, documentais e musicais. atuo como produtora em projetos culturais, e, com o crivo coletivo de artes visuais, realizo atividades de fomento, mediação, formação, registro e exposição. integrei a equipe educativa como mediadora no “15o salão nacional de arte de itajaí” (2021), e as equipes curatoriais da “mostra audiovisual 161 anos de itajaí” (2021) e do “9o festival de cinema universitário tainha dourada” (2020). ocupo o cargo de titular na gestão 2023-24 da câmara setorial de artes visuais, e de 2a secretária na câmara setorial de audiovisual na gestão 2022-23, ambas do conselho municipal de políticas culturais de itajaí. integro a coletiva lgbtqiap+ coletiva



manutenção da praça das lésbicas, 2023.
instalação de situações de conversa e cavalete de obras com duas placas de sinalização, área de conversa: 1.200m², dimensões do cavalete: 80 x 100 cm.





Sala Especial > Agê Pinheiro



Agê Pinheiro perpetuou em traços, formas e cores o atento olhar do historiador e do artista. Em suas obras, o nanquim sutilmente delineado em conchas, clama pela conservação do patrimônio histórico e cultural de Itajaí. Em poéticas metáforas, pipas/peixes, corpos e barcos que permeiam suas obras percorrem multicoloridas e soltas, tortuosos rios, na sua constante inquietação criativa.

As tradições folclóricas e as cenas do cotidiano constantemente retratadas, enfatizando o Boi de Mamão, extrapolaram o espaço físico dos suportes, percorrendo movimentos estudantis, ecoando nas palestras e performances teatrais, no clamor constante pela divulgação e manutenção do cenário artístico da cidade.

Sua ascensão artística foi muito rápida. Desde os esboços com carvão em sua primeira exposição na Casa da Cultura Dide Brandão às premiações em Salões de Arte, predominou seu equilíbrio estético e envolvimento político com o próprio entorno. As mensagens contidas em suas concepções visuais sempre foram repletas de questionamentos, veladas críticas e arrebatamentos!

Agê deixou cedo demais o cenário. Repousaram pincéis e tintas em seu atelier, onde gravou eternamente seu envolvente diálogo com o espectador. Nesta sala especial, o Salão Nacional de Artes de Itajaí expõe uma pequena porém significativa parcela de suas obras, reverenciando com orgulho sua história.

por Lúcia Mendes



Agê Pinheiro (1967-2023, Itajaí/SC) foi artista plástico, historiador e professor. Com vasta produção artística, participou de diversas exposições coletivas e individuais, e teve 11 premiações em salões de arte. Ativo também na construção de políticas públicas para cultura, foi membro do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural, Superintendente da Fundação Cultural de Itajaí e diretor do Museu Histórico de Itajaí.



Programação [de 15 de março a 13 de abril de 2024]

Abertura 16° Salão Nacional de Artes de Itajaí

15 de março de 2024, 19h às 22h
local: Casa da Cultura Dide Brandão
Rua Hercílio Luz, nº 655, Centro, Itajaí/SC

15 de março a 13 de abril de 2024
Casa da Cultura Dide Brandão
Rua Hercílio Luz, nº 655, Centro, Itajaí/SC
seg a sex das 08h30min às 20h30min,
sab das 09h às 13h

Galeria de Arte da Univali, Campus Itajaí
Rua Uruguai, nº 458, Centro, Itajaí/SC
seg a sex das 08h a 12h e das 13h30min às 21h30min,
sab das 09h às 13h

Museu Histórico de Itajaí
Rua Hercílio Luz, nº 681, Centro, Itajaí/SC
ter a sex das 08h30min às 18h30min, sab das 09h às 13h

Café com artistas

16 de março de 2024, 10h às 12h
local: Univali, Campus Itajaí
Rua Uruguai, nº 458, Centro, Itajaí/SC

O café com artistas é um espaço de conversa e partilha entre artistas com trabalhos no 16° Salão e público interessado. O que move artistas em suas pesquisas; em quais contextos estes trabalhos foram produzidos e que novos sentidos podem ser construídos no momento da exposição; quais diálogos são traçados entre os trabalhos selecionados.

Oficina CONTRA-TURNO, com Coletivo Inço (Audrian Cassanelli e Diana Chiodelli)

16 de março de 2024, 15h às 18h
local: Casa da Cultura Dide Brandão
Rua Hercílio Luz, nº 655, Centro, Itajaí/SC

Tempo no qual o professor não está atuando na escola, e de onde nascem propostas e ações em processos artísticos. A partir do conceito de autorepresentação, CONTRA-TURNO propõe uma conversa entre professores-artistas-etc, sobre o pensar/realizar projetos em arte a partir do deslocamento entre o interior e o centro dos processos de produção cultural entre escola | galeria.

Abertura da exposição do 16° Salão Nacional de Artes de Itajaí na Univali

18 de março de 2024, 17h30 às 20h
local: Galeria de Arte da Univali, Campus Itajaí
Rua Uruguai, nº 458, Centro, Itajaí/SC

Roda de conversa: Panorama histórico dos Salões de Arte de Itajaí, com artistas e coordenadoras itajaienses

23 de março de 2024, 15h às 18h
local: Salão Nobre do Museu Histórico de Itajaí
Rua Hercílio Luz, nº 681, Centro, Itajaí/SC

Esta ação contará com a presença de diversas pessoas envolvidas na realização das 15 edições anteriores do Salão Nacional de Artes de Itajaí, desde o início dos anos 90.

Formação para professores de Artes de Itajaí, com Mônica Hoff

27 de março de 2024, 09h às 12h
Local: Biblioteca Pública Silveira Júnior
R. Heitor Liberato, nº 1100 - São João, Itajaí/SC

O workshop é um espaço teórico-prático para pensarmos e desenvolvermos, individual e coletivamente, processos de desaprendizagem. O workshop toma como ponto de partida a ideia de que a arte é uma ferramenta muito potente de aprendizagem, que tem a capacidade de nos anunciar o mundo como se fosse pela primeira vez, mas também de desaprendizagem, no sentido de que nos permite desaprender certos processos naturalizados histórica, cultural, política e socialmente.

Mesa de convidadas
com Agrippina Manhattan, Débora Pazetto e Luciara Ribeiro

Conversa: manutenção da praça das lésbicas
por romy huber

Fórum de Artes Visuais de Itajaí
com mediação de Daniele Zacarão

Feira de artes visuais

06 de abril de 2024, 10h às 12h
Salão Nobre do Museu Histórico de Itajaí
Rua Hercílio Luz, nº 681, Centro, Itajaí/SC

Com aquilo que mais toca, aniquila, assola: urgências é um espaço de escuta e de conversa com três convidadas do campo da arte contemporânea brasileira. A partir de suas poéticas, que se articulam na pesquisa, curadoria, prática artística e diversos outros espaços, e dos lugares de onde vem e por onde circulam, Agrippina, Débora e Luciara discutem o cenário artístico contemporâneo, as urgências que tem sido trazidas e aquelas às quais ainda nos falta tocar.

06 de abril de 2024, 17h às 19h
local: Praça das Lésbicas
R. Hercílio Luz, 10, Centro, Itajaí/SC

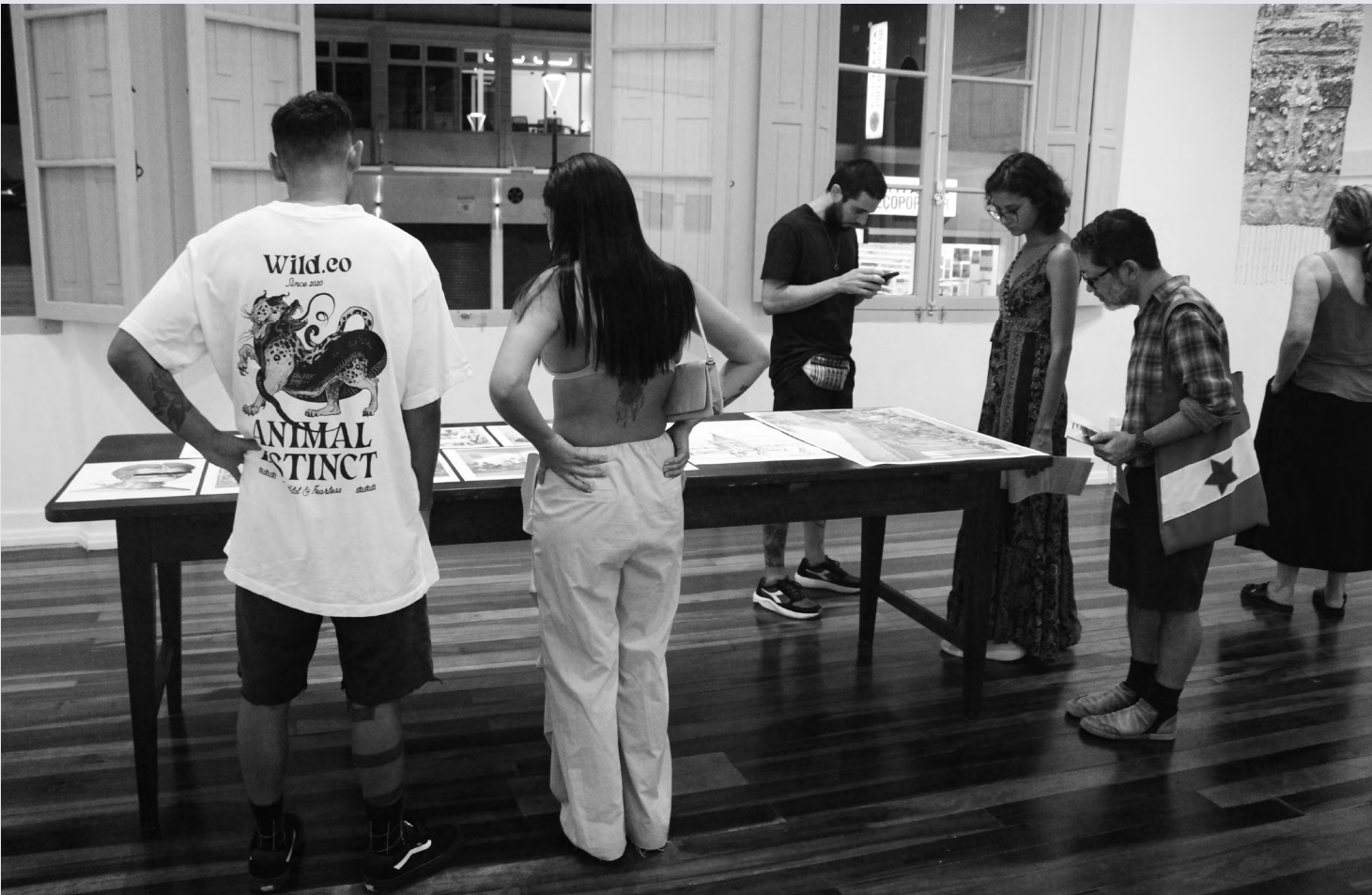
Sinopse: um arquivo vivo diz que a praça das lésbicas, atrás da igreja imaculada conceição em Itajaí, foi construída através de encontros no entorno de um monumento (agora desfeito) à uma mulher. diversas desobedientes de gênero frequentavam a praça, mas a presença sapatão se destacava e a praça passou a ser chamada de praça das lésbicas. “tenção” propõe duas ações de manutenção da praça e de seu desmonumento através de anúncio, sinalização e realização de conversas na praça. durante dois dias, me coloco na praça para conversar e promover encontros, retomando o ato coletivo que, no início deste século, fundou a praça das lésbicas. um dos dias de manutenção da praça é composto por conversas descentralizadas e dispersas entre artista, público, transeuntes, quaisquer pessoas presentes na praça. o outro, propõe uma roda de conversa, uma concentração, uma ocupação específica por pessoas que construíram, constroem, intencionam construir a praça das lésbicas.

12 de abril de 2024, 19h às 22h
local: Casa da Cultura Dide Brandão
Rua Hercílio Luz, nº 655, Centro, Itajaí/SC

O Fórum de Artes Visuais de Itajaí é um convite a artistas e demais pessoas envolvidas com as artes visuais, para discussão do cenário atual, demandas, perspectivas e possibilidades individuais e coletivas. Contará com a mediação da artista, professora e pesquisadora Daniele Zacarão, com extensa trajetória na luta por políticas públicas para a cultura, e que nesta edição coordena o Educativo do Salão.

13 de abril de 2024, 09h às 15h
Praça Arno Bauer - Rua Gil Stein Ferreira, 246 - Centro, Itajaí/SC

A feira de artes visuais é um espaço dedicado à comercialização de trabalhos, tanto impressos quanto em outras materialidades, produzidos por artistas, publicadoras/es, editoras, coletivos e demais agentes do circuito das artes visuais. Chamada aberta para expositores com 38 selecionados:



Abertura 16º Salão Nacional de Artes de Itajaí

15 de março de 2024, 19h às 22h
local: Casa da Cultura Dide Brandão
Rua Hercílio Luz, nº 655, Centro, Itajaí/SC



Abertura 16º Salão Nacional de Artes de Itajaí

Galeria de Arte da Univali, Campus Itajaí
Rua Uruguai, nº 458, Centro, Itajaí/SC
seg a sex das 08h a 12h e das 13h30min às 21h30min,
sab das 09h às 13h



Café com artistas

16 de março de 2024, 10h às 12h
 local: Univali, Campus Itajaí
 Rua Uruguai, nº 458, Centro, Itajaí/SC



Oficina CONTRA-TURNO, com Coletivo Inço
 (Audrian Cassanelli e Diana Chiodelli)

16 de março de 2024, 15h às 18h
 local: Casa da Cultura Dide Brandão
 Rua Hercílio Luz, nº 655, Centro, Itajaí/SC



Roda de conversa: Panorama histórico dos Salões de Arte de Itajaí, com artistas e coordenadoras itajaienses

23 de março de 2024, 15h às 18h
local: Salão Nobre do Museu Histórico de Itajaí
Rua Hercílio Luz, nº 681, Centro, Itajaí/SC



Formação para professores de Artes de Itajaí, com Mônica Hoff

27 de março de 2024, 09h às 12h
Local: Biblioteca Pública Silveira Júnior
R. Heitor Liberato, nº 1100 - São João, Itajaí/SC



Mesa de convidadas
com Agrippina Manhattan, Débora Pazetto e Luciara Ribeiro

06 de abril de 2024, 10h às 12h
Salão Nobre do Museu Histórico de Itajaí
Rua Hercílio Luz, nº 681, Centro, Itajaí/SC



Fórum de Artes Visuais de Itajaí
com mediação de Daniele Zacarão

12 de abril de 2024, 19h às 22h
local: Casa da Cultura Dide Brandão
Rua Hercílio Luz, nº 655, Centro, Itajaí/SC



Feira de artes visuais

13 de abril de 2024, 09h às 15h
Praça Arno Bauer - Rua Gil Stein Ferreira, 246 - Centro, Itajaí/SC



Mediações e agendamentos: Foi composta uma equipe de educativo com 10 pessoas atuando como mediadoras nos espaços é uma ferramenta muito potente de aprendizagem, que tem a expositivos e uma coordenação educativa. A equipe de mediação participou de uma formação educativa com a coordenadora capacidade de nos anunciar o mundo como se fosse pela primeira Daniele Zacarão e uma formação sobre acessibilidade com coordenadora do núcleo de acessibilidade da UNIVALI Bianca Reimão. A equipe realizou a gestão dos agendamentos e as mediações guiadas. Em média foram recebidos cerca de 3000 visitantes em todos os espaços, entre visitação espontânea e cerca de 90 agendamentos de grupos escolares e afins.

Comissão curatorial

Sarah Uriarte
Coordenação Geral

Mariana Ferret
Produção Geral

Nestor Varela
Produção Geral

Lúcia Mendes
Assessoria

Mônica Hoff
Assessoria Curatorial

Daniele Zacarão
Coordenação Educativa

Educativo

Bicha Rata
Carolina Abreu
Mathý
Maykon Hundenski
Márcia Albuquerque
Victória Baixo Batista
Gabriele Cristine Alves de Lima
Lucas Ramos Tasca
Leonardo Gentil Schuler'
Manu Isaiah Oliveira Silva
Mediação

Comunicação

Mariana Feitosa
Gestão de mídias

Karime Zaher
Identidade visual

Thiago Simbol
Identidade visual

Romeu Silveira
Designer gráfico
Projeto gráfico Catálogo

Julia Souza
Nilson Oliveira de Souza
Fotografias Catálogo

Superintendência Administrativa das Fundações
e Fundação Cultural de Itajaí

Normélio Pedro Weber
Superintendente Administrativo das Fundações de Itajaí

Vanderlei Lazzarotti
Diretor Executivo da Fundação Cultural de Itajaí

Sara Jane Ternes
Diretora Administrativa e Financeira da Superintendência Administrativa das Fundações

Evelise Moraes Ribas
Diretora da Casa da Cultura Dide Brandão

Natália Uriarte Vieira
Diretora de Projetos da Superintendência Administrativa das Fundações

Cássio Ubirajara Pereira
Gerente do Museu Histórico de Itajaí

Tayná Castro
Museóloga do Museu Histórico de Itajaí

Cesar Rodrigo Zeferino
Assessor Jurídico da Superintendência Administrativa das Fundações

Marina Dutra
Assessora Administrativa da Superintendência Administrativa das Fundações

Danielle Cristina Dias
Assessora Administrativa da Superintendência Administrativa das Fundações

Nilson Oliveira de Souza
Assessor da Fundação Cultural de Itajaí

Julia Souza
Estagiária de Comunicação da Fundação Cultural de Itajaí

realização



apoio



SECRETARIA MUNICIPAL

EDUCAÇÃO

